

Geografias Culturais do mais-que-humano? Tendências e prospectos teórico-metodológicos para viver no Antropoceno

More-than-human cultural Geographies? Theoretical-methodological tendencies and prospects to live in the Anthropocene

Carlos Roberto Bernardes de Souza Júnior*, Maria Geralda de Almeida (*in memoriam*)**

* Departamento de História e Geografia, Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), e-mail: carlosroberto2094@gmail.com

** Instituto de Estudos Socioambientais, Universidade Federal de Goiás (UFG), e-mail: mgdealmeida@gmail.com

DOI: <http://dx.doi.org/10.5380/raega.v54i0.77229>

Resumo

As tensões e contradições da crise ambiental no Antropoceno têm desafiado as metodologias e práticas tradicionais das ciências humanas. No caso da Geografia cultural, as pesquisas que intentam investigar elementos a ela conectada têm recorrido à procedimentos interdisciplinares que visam decifrar mundos mais-que-humanos. Inspiradas em teorias não-representacionais, eco-fenomenologias, pós-fenomenologias e eco-feminismos, elas buscam decifrar as reciprocidades, tensões e possibilidades dos lugares e espacialidades partilhados entre entidades humanas e não-humanas. Objetiva-se, portanto, desvelar as distintas possibilidades e tendências teórico e metodológicas das geografias culturais contemporâneas em sua interpretação de cosmos e mundos mais-que-humanos, com foco nas perspectivas anglo-saxãs. Para isso, empregou-se revisão bibliográfica e análise teórico-conceitual. Introduzidos à Geografia no início do século XXI, essas teorias colaboram no desenvolvimento de pesquisas que transcendem ao dualismo cartesiano e excepcionalismo humano. As influências filosóficas desses estudos revelam modos de ser-com e pensar-com seres não-humanos, como plantas, animais e objetos. Ao abordar os arranjos polifônicos desses variados seres, essas geografias têm demonstrado como atmosferas, animais e pessoas estão entrelaçados nas experiências espaciais. Metodologias experimentais, artísticas, narrativas, autobiográficas e literárias têm sido adotadas pelos pesquisadores dessa abordagem, de modo a provar significativa renovação procedimental na disciplina. Considera-se que geografias culturais mais-que-humanas contribuem para expandir os limites do olhar geográfico sobre espaços existenciais e multi-espécies.

Palavras-chave: Ser-com; Geografias Criativas; Mundos Mais-que-humanos

Abstract

Tensions and contradictions of the Anthropocene's environmental crisis are challenging traditional practices and methodologies of the human sciences. In cultural geography, researches that intend to investigate elements connected to this crisis have resorted to interdisciplinary proceedings that aim to decipher more-than-human worlds. Inspired by non-representational, eco-phenomenological, post-phenomenological and eco-feminist theories, they search ways to unravel reciprocities, tensions and possibilities places and spatialities shared amongst human and non-human entities. This essay intends to comprehend the distinct theoretical and methodological possibilities and tendencies of contemporary cultural geographies in their interpretation of more-than-human worlds and cosmos, with focus on Anglo-Saxon perspectives. It employs bibliographical revision and theoretical-conceptual analysis. Introduced to the geographies of the early 21st century, these theories collaborate on the development of researches that transcend cartesian dualism and human exceptionalism. The philosophical influences of these studies reveal ways of becoming-with and thinking-with non-human beings, such as plants, animals and objects. Approaching polyphonic assemblages of these varied beings, these geographies have demonstrated how atmospheres, animals and people are interwoven into spatial experiences. Experimental, artistic, narrative, autobiographical and literary methodology have been adopted by researchers of this approach, which has resulted in significant procedural renovation for the discipline. It is considered that more-than-human cultural geographies contribute to expand the limits of the geographical regard on existential and multi-species spaces.

Keywords: Becoming-with; Creative Geographies; More-than-human Worlds.

I. INTRODUÇÃO

A crise ambiental do Antropoceno afeta os diferentes seres que coabitam o planeta e expõem diversas vulnerabilidades sociais, culturais e naturais. O Antropoceno é a época em que os seres humanos se tornaram uma força geológica, particularmente no que concerne aos impactos da extração capitalista e imperialista ocidental (GAN et al, 2017). Ainda que o prefixo “antropo” indique todos os humanos, a linha do tempo dessa época começa com a expansão global do sistema plantation e suas consequências para os diferentes povos, espécies e ecossistemas (TSING, 2015).

Na Geografia, assim como em outras disciplinas das Ciências Humanas, as contradições e tensões decorrentes do Antropoceno reverberam em um contexto fértil de transformação, transição e análise das teorias e metodologias vigentes (GREENHOUGH, 2014). Nos centros de pesquisa anglo-saxão e francófonos, isso se traduziu em uma aproximação com antropologias, filosofias, sociologias e ecologias de mundos mais-que-humanos nas primeiras décadas do século XXI (ABRAM, 2010; POTTS, 2019). As geografias culturais praticadas em países de ambas línguas têm tido particular interesse na busca de respostas e alternativas para as situações de precariedade Antropoceno (BERQUE, 2014; CHARTIER; RODARY, 2016; LORIMER, 2010a; WHATMORE, 2002).

Geografias mais-que-humanas concernem as interrelações sensíveis entre entes humanos e não-humanos, sejam esses vivos ou não-vivos (GREENHOUGH, 2014). Isso implica, portanto, na observação do entrelace entre diferentes mundos e percepções de animais, plantas, rochas, objetos e atmosferas. Essa perspectiva remete às possibilidades de pesquisa objeto-centradas que visam superar o especismo enraizado no fazer científico eurocêntrico moderno que é um dos elementos centrais do colapso ambiental hodierno (DANOWSKI; CASTRO, 2017; THRIFT, 2008; TSING, 2015). Ainda com esparsas discussões em língua portuguesa, essas geografias podem ofertar um amplo potencial de agendas investigativas para os pesquisadores brasileiros.

Baseadas nos campos das teorias não-representacionais (THRIFT, 2008), pós-fenomenologias (ASH; SIMPSON, 2018), eco-fenomenologia (ABRAM, 1996, 2007, 2010) e eco-feminismos (BELLACASA, 2017; TSING, 2015; HARAWAY, 2008, 2017, 2016), elas abarcam significativa variedade de procedimentos teórico-metodológicos. Essa diversidade de teorias indica a efervescência dos debates em curso. Cada qual em sua especificidade, as diferentes abordagens reunidas no contexto das Geografias mais-que-humanas indicam caminhos para pensar nos enredamentos entre cultura, política, ambientalismo e corporeidade.

As geografias culturais produzidas com tal inspiração se destacam pela capacidade criativa e experimental de suas metodologias (HAWKINS, 2014; HAWKINS; STRAUGHAN, 2015). Diferentes maneiras autobiográficas, artísticas, e/ou participativas de fazer pesquisa emergem como enfrentamentos ao pragmatismo cartesiano. Ao expandirem as fronteiras e limites do conhecimento geográfico, essas práticas colaboram no deciframento dos lugares, paisagens e territórios em tensão no Antropoceno (GREENHOUGH, 2014).

Destarte, o artigo objetiva desvelar as distintas possibilidades e tendências teórico e metodológicas das geografias culturais contemporâneas em sua interpretação de cosmos e mundos mais-que-humanos, com foco nas discussões anglo-saxãs. Também há o intento de trazer a esse texto alguns debates presentes no contexto francófono, que apresenta importantes convergências e contribuições. Para tanto, foi realizada pesquisa bibliográfica e análise teórico-conceitual dos possíveis prospectos decorrentes dessas tendências.

II. MATERIAIS E MÉTODOS

O presente artigo é resultante de revisão narrativa da produção teórica e metodológica sobre problemáticas das teorias mais-que-humanas na Geografia. Em acordo ao que explica Ferrari (2015), a revisão narrativa é uma metodologia de interpretação bibliográfica com critérios flexíveis na seleção de referências.

Diferentemente de uma revisão sistemática, não são seguidos critérios estritos de avaliação dos textos (BAUMEISTER; LEARY, 1997), pois objetiva-se a construção de uma visão abrangente sobre a temática investigada. Segundo Galvan (2014), a revisão narrativa é um modelo adequado para demonstrar a dinâmica qualitativa de um dado campo ou subcampo de pesquisa. No presente caso, o estado da arte foi avaliado com cerne nas principais teorias das geografias culturais mais-que-humanas e em exemplos paradigmáticos das abordagens metodológicas empregadas por esses geógrafos.

Foram selecionadas as principais publicações na subárea para explicitar as dinâmicas de construção de conhecimento acerca do tópico tanto na Geografia quanto em áreas afins (Antropologia, Filosofia, *Science Studies*, entre outras). Buscou-se observar como a bibliografia selecionada expunha aplicações, reflexões teóricas, ensaios analíticos ou revisões metodológicas concernentes às geografias culturais mais-que-humanas para analisar e sumarizar suas principais ideias. Para tanto, realizou-se um recorte que priorizou a produção acadêmica em anglófona e francófona das duas últimas décadas.

Um estudo similar centrado na definição das geografias mais-que-humanas foi realizado por Greenhough (2014). Também há pesquisas semelhantes de avaliação do estado da arte nas abordagens culturais em Geografia efetivadas por Anderson e Wylie (2009), Ash e Simpson (2018), Chartier e Rodary (2016), Holzer (2016), Hawkins (2018), McCormak (2014; 2015), Panelli (2010), Potts (2019) e Whatmore (2006). Em função das particularidades da Geografia cultural, grande parte dessas revisões narrativas têm tons ensaísticos próximos ao adotado no presente artigo.

Os resultados se estruturam em duas partes, a primeira “*Condições e contextos das humanidades no Antropoceno*” busca responder de onde vem o conceito de mais-que-humano e qual sua relevância para as ciências humanas. Em sequência, “*Re-tornos, metamorfoses e perspectivas contemporâneas*”, visa explicitar e exemplificar as abordagens de geografias culturais mais-que-humanas com base na bibliografia consultada.

III. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Condições e contextos das humanidades no Antropoceno

Em sua obra seminal *The Spell of the Sensuous: Perception and language in a more-than-human world*, o antropólogo e filósofo David Abram (1996) explora as condições sensíveis de pluriversos recíprocos de grupos humanos em suas relações com outras espécies e entidades não-humanas. Por uma perspectiva eco-fenomenológica pioneira, ele aborda as diferentes intercorporeidades e intersubjetividades dos múltiplos seres

que partilham o planeta. O livro teve relevante impacto no campo das humanidades ambientais e é reconhecido como responsável por popularizar o termo mais-que-humano (PANELLI, 2010).

Na concepção do autor (ABRAM, 1996), o mais-que-humano é tudo aquilo que abarca a natureza terrestre em sua compreensão mais ampla. Isto é, o somatório comunitário de enredamento dos diversos mundos dos animais, plantas, rochas, minerais, elementos atmosféricos e grupos socioculturais. O termo manifestamente inclui e excede as sociedades humanas. Esse conceito, portanto, abarca a maneira pela qual as culturas estão intrinsecamente conectadas ao coabitar terrestre, ao envolvimento em pluriversos de outros seres vivos e/ou não viventes que necessariamente as excedem.

Assim, o conceito de mais-que-humano visa a superação tanto da dicotomia cartesiana sociedade-natureza quanto do uso do termo ambiente como uma antítese a cultura. Para Abram (1996), esse conceito também é uma forma de deslocar o excepcionalismo humano em direção a uma noção mais holística de mundo. Inspirado em noções animistas e em conceitos da fenomenologia de Merleau-Ponty, ele concebe que o reconhecimento dos mundos mais-que-humanos é uma forma de reatar conexões com a senciência e sensibilidade terrestre.

Como escreve o autor: *“se engajar completamente, sensorialmente, com os arredores terrestres é se encontrar em um mundo de ciclos dentro de ciclos e em ciclos”* (ABRAM, 1996, p.133, traduzido). O mundo mais-que-humano é a dimensão pela qual os pluriversos¹ terrestres se entrelaçam no devir planetário. Ele inclui desde os ciclos das entidades viventes, como a fotossíntese das plantas, até os processos atmosféricos, como os movimentos das massas de ar. Cada qual em sua especificidade, esses componentes mais-que-humanos estão diretamente correlacionados entre si, de modo a formar uma importante teia relacional inerente à existência na Terra.

Abram (2007) expressa que no mundo terrestre de engajamentos corporificados se está continuamente em contato com outros seres – pessoas, aranhas, cachorros, árvores – cujos temos certeza que não são máquinas ou meras fabricações humanas: que são efetivamente outros. Outros ‘eus’, outros centros de experiência que divergem da nossa, são fundantes para indicar as multiplicidades de subjetividades e senciência evocados no conceito de mais-que-humano.

¹ O termo *pluriverso* é utilizado por diferentes perspectivas decoloniais, pós-coloniais, eco-feministas e pós-humanistas para denominar aquilo que concerne a ontologias pluralistas e múltiplas. Esse termo visa contrapor ao sentido moderno de universalismo, cujo é resultante das ações imperialistas ocidentais (DANOWSKI; CASTRO, 2017; HARRAWAY, 2016; BELLACASA, 2017).

Essas entidades, logo, se reúnem em um cosmo pluriversal partilhado na superfície terrestre. Seus (des)encontros são contínuas situações de reciprocidade e intercorporeidade. Segundo Abram, vislumbrar um mundo mais-que-humano significa entender que *“Há um sutil entrançamento entre todas os seres da terra, uma consequência não somente de nossa ancestralidade em comum e das similaridades de nossa composição, mas também de nossa sujeição aos aspectos variantes de um mesmo mundo em rotação”* (ABRAM, 2010, p.192, traduzido). Em transcendência às diferenças, salientam as convergências entre os diversos entes que realçam suas semelhanças como seres vulneráveis e imbricados em um mesmo planeta partilhado onde coabitam.

Se, como discorre Chollet (2016), as culturas ocidentais permanecem marcadas pela cisão radical cartesiana entre humano e ambiente, a perspectiva proposta por Abram (1996) oferta uma oportunidade transformativa. Associadas à uma forma sensível e holística de compreensão do mundo mais-que-humano, as ciências humanas podem indicar respostas para a crise ambiental em curso. Ao fugir do especismo inerente à modernidade, estudos mais-que-humanos são alternativas para abarcar aquilo que envolve e supera a presença humana na Terra.

Como pondera a antropóloga eco-feminista Tsing (2015, p.21, traduzido), é basilar desvelar que *“estamos cercados por vários projetos de fazer-mundo, humanos e não-humanos. Projetos de fazer-mundo emergem de nossas atividades práticas de construção de vida; os processos desses projetos alteram o nosso planeta”*. O conceito moderno de humano não deve ser o único fundamento para criar mundos (TSING, 2015). Em revés, é necessária uma sintonização com os diferentes vínculos e modos de fazer-lugar realizados por formas de consciência outras que excedem a espécie a que pertencemos. Isso significa decifrar e explicitar as atividades e projetos mais-que-humanos que compõem a senciência dos lugares.

Em transcendência à tradicional limitação das ciências modernas, particularmente às humanidades, Tsing (2015) – tal qual Abram (1996; 2010) – propõe a urgência de se estudarem os arranjos (assemblages) polifônicos de diversas criaturas em suas simultaneidades. É ao pesquisar as aglutinações de diferentes modos de ser, de entidades e mundos mais-que-humanos, que se poderá compreender os lugares como espaços efetivamente vivíveis na precariedade relacional do Antropoceno. Pode-se observar a multiplicidade vivente do fazer-lugar ao deslocar o núcleo das pesquisas de uma criatura por vez, seja ela humana ou não, rumo aos estudos de arranjos multiespécies. Essa mudança de consciência é, destarte, também um modo de vislumbrar superações à lógica cartesiana que ainda opera no centro das ciências estabelecidas na modernidade, como no caso da Geografia.

O conceito eurocêntrico e moderno de humanidade torna-se problema com sua imposição de dualismos que mecanizam outras entidades viventes coabitando a Terra. Nas palavras do geógrafo francês Berque (2014, p.216, traduzido): *“tratar o vivente como se ele fosse desprovido de subjetividade, a saber como um objeto, é estar condenado a perder o essencial, que é sua vida; mas é justamente esse o elemento excluído no dualismo que funda o mecanicismo”*. Na sua busca pela objetificação do mundo, a modernidade anula uma parte integral do cosmo que circunda e alcança para além do ser humano.

Tsing (2015) argumenta que o projeto moderno eurocêntrico pautado no colonialismo, na precarização e reificação da vida é o cerne da emergência da crise ambiental do Antropoceno. Abram (2010, p.306-307, traduzido) colabora ao indicar que *“enquanto nós juntamos nossas verdades analíticas e implantamos nossas tecnologias, fomos nos tornando progressivamente insensíveis às necessidades da terra vivente, estranhamente familiarizados ao sofrimento de outros animais e com o destino de um mundo mais-que-humano”*. Para além de uma materialização de elementos industriais e linearizantes provenientes do capitalismo antropocênico, há uma dessensibilização que opera para ou na justificativa de tal exploração.

A divisão relacional antropocênica convergente ao projeto positivista de ciência não escapa ao campo das humanidades. Particularmente na Geografia, como destaca Berque (2014), essa situação cria a contradição de instaurar-se em uma disciplina que se preocupa com a relação sociedade-natureza por meio de um dualismo ocidental que a limita. Ao expandir seu olhar para concernir-se com as contradições e complexidades de cosmos mais-que-humanos, é possível que a Geografia se realize como uma forma de observar e viver-com a Terra. Ela possui o potencial de ser uma fonte de sensibilização para o destino de mundos, vidas e arranjos mais-que-humanos. Para que isso seja possível, é importante estar aberto às possibilidades de partilha, troca e de ser-com os diferentes entes que coabitam o planeta.

Ser-com decorre da reciprocidade entre entidades com corporeidades e modos de consciência distintas na intersubjetividade inerente à senciência terrestre. Na perspectiva da filósofa eco-feminista Haraway (2016, p.40, traduzido): *“com uma concha e uma rede, vir a ser humano, vir a ser humus, vir a ser terrano, tem outra forma – a de contornos de enrolamentos serpentinos de ser-com. Pensar com é ficar com o problema multiespécie naturalcultural na terra”*. Partilhar e compreender as intercorporeidades implícitas às relações de ser-com indicam uma maneira de partilhar, de observar as convergências e oportunizar as diferenças. Estar com o problema (*staying with the trouble*) na Terra é, argumenta esta autora (HARAWAY, 2016), estar aberto às

colaborações, composições e arranjos inesperados. É apenas ao ser-com os mundos multi-espécies mais-que-humanos que há como ir para além das relações modernas que instauraram o Antropoceno.

As ciências humanas podem tentar firmar narrativas de superação ao colapso ambiental ao encontrar alternativas para pensar-com os não-humanos. Para tanto, é fundamental transcender os discursos apocalípticos e apologistas (HARAWAY, 2016, 2017) e ir em direção a modos de convivência. Na emergência de formas e arranjos de ser-com, buscam-se maneiras de decifrar as sensibilidades e senciências de mundos mais-que-humanos. O problema natural-cultural tributário e excedente desse cosmo afeta todos aqueles que partilham o planeta.

Bellacasa (2017, p.83, traduzido) propõe que *“Pensar-com não-humanos deve sempre ser um viver-com, ciente das relações problemáticas e buscando uma alteridade significativa que transforma aqueles envolvidos na relação e mundos em que vivemos”*. Múltiplas interações relacionais estão em jogo na arte de cuidar para e em um mundo de relações com outros não-humanos (BELLACASA, 2017). Ao se atentar e imergir em mundos mais-que-humanos, a partilha de cuidados latentes implica em se importar, em ter uma prática de alteridade que supera o especismo. Esse modo de existir transforma relacionalmente a sensibilidade do fazer-lugar.

Como indicam Haraway (2016, 2017), Abram (1996, 2010), Bellacasa (2017) e Tsing (2015), essas maneiras de viver-com reatam com algumas das noções do animismo. Importante salientar que não se trata do animismo enquanto uma crença, mas como uma forma de mundanizar (HARAWAY, 2017) e efetivar um materialismo sensível (ABRAM, 2010). Narrativas do viver no Antropoceno demandam a suspensão da objetificação moderna rumo à possibilidade experimental de ver as diversas entidades não-humanas como portadoras de seus próprios direitos, afetos, autonomias, subjetividades, corporeidades e mundos.

Assim como em outras ciências humanas nascidas da modernidade, o dualismo cartesiano permanece na geografia cultural. Persistem marcas e resíduos de uma noção de distinção ou separação entre natureza-cultura e humano-ambiente. Ainda que menos nítida em algumas obras fundadoras, *“com o advento da ‘nova geografia cultural’, esse nexos de vida-terrestre foi excluído da, ou mais precisamente, lançado ao passado ancestral da geografia cultural – ao menos na comunidade de pesquisa anglófona”* (WHATMORE, 2006, p.601, traduzido). O foco representacional da ‘nova geografia cultural’ praticada majoritariamente nas décadas de 1980 e 1990 nos países anglófonos e francófonos apresentava, naquele momento, uma virada importante rumo aos problemas socioculturais que interessavam aos geógrafos. Assim como a Geografia Humanista da década

de 1970, ao se direcionar inteiramente às questões humano-cêntricas ambas se deslocaram das possibilidades explorativas de mundos mais-que-humanos.

A desconstrução dessas formas de fazer Geografia cultural perpassa pela dimensão de superação de paradigmas estritamente representacionais (THRIFT, 2008) e de abordagens puramente fenomenológicas (ASH; SIMPSON, 2018). Conforme exposto no trabalho precursor de Whatmore (2002), *Hybrid Geographies: Natures Cultures Spaces*, há uma emergente necessidade da Geografia cultural se engajar no desvelamento dos vínculos, proficiências, variações e intensidades de entidades (humanas e não-humanas) corporalmente emaranhadas. A vida cotidiana do que a autora denomina como entidades híbridas implica no continuum natural-cultural transcendente às representações. Essa existência mais-que-humana perverte e excede as estruturas dos parlamentos, corporações, laboratórios e modelos científicos tradicionais (WHATMORE, 2002; THRIFT, 2008).

Inspirados nesses desenvolvimentos teórico-conceituais, as novas gerações de geógrafos culturais – particularmente entre o final da década de 2000 e ao longo da década de 2010 – têm retornado para a reunião do bio e geo inerentes aos mundos mais-que-humanos (WHATMORE, 2006; LORIMER, 2010a). Ao retomar as discussões dos cosmos e espacialidades terrestres sobre os quais trata-se a Geografia, a percepção sensível mediada pelo potencial relacional das teorias e filosofias recentes têm animado os prospectos conceituais da disciplina.

As interfaces interdisciplinares da Geografia cultural contemporânea têm se reunido no esforço de mostrar como as pessoas se engajam com cosmos e pluriversos mais-que-humanos (PANELLI, 2010). A dinâmica natural-cultural que se desdobra na realidade geográfica necessita de uma desobjectificação do olhar. Ao associar-se a outros campos das humanidades, as articulações acadêmicas da disciplina podem se enriquecer de teorias e metodologias para entender as complexas redes de interdependência ameaçadas no Antropoceno.

Lorimer (2010b, p.238, traduzido) indica que “*há agora uma crescente coletividade interdisciplinar de pesquisadores do ‘mais-que-humano’ preocupados em dinamizar teorias para repensar paisagem, vida e animalidade*”. Na Geografia cultural, essa possibilidade de renovação acadêmica resulta em propostas de estudos experimentais lidando com temas que antes pareceriam avessos à essa abordagem. Essas pesquisas têm dimensionado modos de pensar-com e desvelar as múltiplas grafias da Terra em sua polifonia de modos de ser.

A modificação da noção do que é o material, revigorada particularmente pela compreensão conceitual de Abram (1996) e Haraway (2008), resulta em esforços para decifrar as diferentes articulações e arranjos mais-

que-humanos em suas manifestações lugarizadas. Adams-Hutcheson (2017, p.15, traduzido) reflete que *“a matéria é intimamente conectada à geografia (escrita da terra), geografias dos elementos certamente tratam das coisas da terra. Montanhas, rios, oceanos e geleira, pessoas, lugares e animais são parte da ‘vida terrestre’.”* Não se trata apenas de rematerializar a Geografia, mas também de superar a falácia da dicotomia material-imaterial (ANDERSON; WYLIE, 2009), de retomar os elementos terrestres por meio das suas possibilidades de ser-com.

Neste aspecto, provoca Simm (2014, p.14, traduzido): *“avançar em profundidade significa olhar para a pedra e perguntar: O que está ali embaixo? Como ela chegou aqui?”*. Ao questionar-se no horizonte de profundidade das problemáticas material e elemental, ao perguntar-se acerca das questões fundantes da realidade geográfica, essa abordagem busca reposicionar-se como um modo de pensar-com. Instigar a curiosidade com percepções polifônicas dos entes mais-que-humanos que partilham mundos e lugares têm se mostrado também uma tarefa que provoca os fundamentos teórico-metodológicos dessa abordagem.

Whatmore (2006, p.604, traduzido) argumenta que *“a criatividade da geografia cultural não é gerada pela sucessão de ‘novas’ viradas, mas pela força aglutinativa de constantes re-tornos a preocupações recorrentes com os processos e excessos de ‘vivência’ em um mundo mais-que-humano”*. Avançar na profundidade dos arranjos multi-espécies é, portanto, explorar a reciprocidade com os materiais e elementos das grafias da terra, assim como suas consequências sociais, culturais e políticas. É por meio desses re-tornos de intensidades, perspectivas e práticas que as reinvenções da Geografia cultural parecem indicar caminhos para desvelar as contradições e possibilidades da vida em mundos mais-que-humanos.

Re-tornos, metamorfoses e perspectivas contemporâneas

As abordagens recentes da Geografia cultural apresentam variados modos de compreender as formas de coabitar a/na Terra. Entre essas tendências é possível destacar a discussão acerca da rematerialização dessa ciência. Na acumulação dessas diferentes Geografias Materiais (ANDERSON; WYLIE, 2009) percebe-se o surgimento de problemáticas de pesquisa que concernem às questões latentes do Antropoceno.

Como problematizam Anderson e Wylie (2009, p.319, traduzido) *“nós completamente rejeitamos a retórica de rematerializar ou ‘retornar’ que é frequentemente associada de modo errôneo e redutível à noção de material como ‘solo’, ‘realidade’ ou ‘o social’.”* Conforme afirmam estes autores (ANDERSON; WYLIE, 2009), trata-se de preocupar-se com uma imaginação material que deriva da compreensão de que a matéria potencialmente se manifesta com as capacidades e composições de qualquer elemento em qualquer estado.

Seja ar, terra, água ou fogo, em estado líquido ou gasoso, os encontros com a materialidade transcendem qualquer invocação literal de uma fisicalidade. Similar ao que indicava Dardel (2011 [1952]), retornar à matéria é – nesse caso – entender as condições em que os encontros de geograficidade ocorrem.

A concepção de materialidade evocada pelos autores (ANDERSON; WYLIE, 2009) está correlacionada ao conceito de elemento. Essa proximidade com o feito geográfico dardeliano indica um retorno às noções basilares das abordagens culturais em Geografia. Como argumentam, *“Forças ctônicas, oceânicas e radiantes ganham suas devidas potencialidades como energias e paixões não-teleológicas e livres que agem independentemente dos sentidos e percepções humanas”* (ANDERSON; WYLIE, 2009, p.325-326, traduzido). É desse ponto de partida, destarte, que são discutidas as diferentes manifestações dos mundos mais-que-humanos em suas próprias condições de emergência.

Essa compreensão se aproxima daquela que aponta Haraway (2008, p.220, traduzido) ao descrever que *“Os seres da Terra são preensíveis, oportunistas, prontos para a união improvável com parceiros rumo a algo novo, algo simbiogénético”*. A co-constituição ctônica entre as diversas espécies companheiras, assim como sua coevolução, é uma regra – não uma exceção (HARRAWAY, 2008). O reconhecimento dessas formas de partilha telúrica é uma maneira de alcançar novos materialismos, tal qual argumentam Anderson e Wylie (2009).

A perspectiva relacional das Geografias mais-que-humanas, destarte, considera a forma como desdobramentos de simbiogénese criam, afetam e transformam as espacialidades. Panelli (2010, p.85, traduzido) descreve que *“as dinâmicas relacionais que ocorrem entre pessoas e o ‘não-humano’ inspiram concepções diversas como: devir, cosmopolíticas, ruptura, subversão, resiliência, amizade, reciprocidade complexa e políticas amodernas”*. No cerne desses contextos de arranjos polifônicos, as formas de ser-com são desveladas em sua multiplicidade de sentidos. Mais que representações, elas indicam vivências materiais de co-constituições de mundos partilhados.

Observar a trama densa em que tais relações se manifestam têm exigido que os geógrafos culturais adotem metodologias menos ortodoxas (LORIMER, 2010b). Na medida em que as práticas predominantes da geografia cultural do século XX eram baseadas na coleta, interpretação e análise de textos ou discursos representacionais, há a necessidade de se buscar por outras formas de fazer científico (LORIMER, 2010b).

Tal perspectiva implica, como sugere Potts (2019), na constatação de que estudos de humanos/animais são fundamentalmente interdisciplinares na medida em que as avaliações de interações com esses outros nos reenviam a diferentes campos de pesquisa. Influências de abordagens menos ortodoxas da etologia, etnografia,

literatura, artes plásticas e outras áreas do conhecimento são perceptíveis nos estudos que aventuram por reciprocidades e contradições de mundos mais-que-humanos.

Se trata, portanto, de incorporar um olhar amplificado que considere as diferentes entidades em uma dada situação geográfica. Para além de considerar a geologia, meteorologia, geomorfologia e sua relação biogeográfica com as sociedades humanas, é importante reconhecer a autonomia e entrelaçamento dos seres mais-que-humanos inerentes a cada contexto. É, ao ir na profundidade dos lugares (SIMM, 2014), olhar embaixo de cada rocha, que é possível empreender esforços para decifrar as polifonias multi-espécies da realidade geográfica.

Para Chartier e Rodary (2016, p.41, traduzido) *“se trata, efetivamente, de abandonar as concepções incapazes de reconhecer as ligações entre os seres, humanos ou não-humanos, de modo a ser capaz de pensar aquilo que acontece e de se sentir e se saber ligado à Terra como lugar de realização de nossa condição terrestre”*. Geografias culturais do mais-que-humano se preocupam com uma relação empática com aquilo que constitui a condição de existência na Terra. Para pensar-com é necessário suspender dualismos e presunções tradicionais das ciências modernas.

Já foi indicado, no início desta reflexão, que as Geografias mais-que-humanas decorrem de relações com maior grau de intimidade e alteridade. Como descrevem Chartier e Rodary (2016), também implicam em aceitar os desencontros inerentes à condição autônoma das entidades e forças envolvidas. Do mesmo modo, Lorimer (2010a) indica que dar voz às promessas vitais das relações contínuas entre seres humanos e não-humanos em sua coexistência simultânea de ações, dinâmicas e elementos exige que o pesquisador esteja disposto a recalibrar seu tempo e modo de pensar rumo a ser-com.

Similar ao que descreve Lorimer (2006) em seu estudo da memória e sentido de lugar partilhado entre humanos e rebanhos, engajamentos cotidianos podem estar enraizados em sistemas pouco convencionais de conhecimentos ecológicos e culturais. A reciprocidade entre os animais não-humanos e àqueles com os quais eles interagem cotidianamente revelam condições de coabitar a Terra. Para realizar seu estudo, Lorimer (2006) recorreu a somatória de narrativas acerca das vidas dos animais, observação etológica, análise de cartas e prática etnográfica. Ao entrelaçar os arranjos de reciprocidade foi possível desvelar as dimensões das energias vitais, animais e latentes dos lugares mais-que-humanos.

Fazer-lugar é, portanto, uma capacidade multi-espécie. De acordo com James (2009, p.27, traduzido, grifos no original) *“não são apenas os humanos que podem desenvolver tal conexão. Animais – ao menos os*

sencientes – são tipicamente au fait com tudo que os circunda; de fato, eles tendem a estar mais em casa nos seus entornos que os humanos”. É possível identificar, como apontam, os territórios delimitados nas calçadas pelos cães. A maneira pela qual interação, geram memórias e vínculos espaciais convergem com um sentir e afeto que transcende o instinto. A análise de Lorimer (2010b) acerca das geografias animais dos elefantes por meio de fotografias, narrativas e filmagens protagoniza o senso de afetivo de habitar na corporeidade desses seres em contraponto às representações usualmente feitas por humanos.

Similarmente, Gibbs (2009) abordou as complexas interrelações situadas em lugares ‘aquáticos’. Em seu estudo no interior da Austrália, demonstra as contradições coloniais e cartesianas que situam a percepção dos lugares aquáticos, particularmente em como os colonizadores perfuravam poços para adicionar água a espaços desérticos como uma forma de os ‘tomarem’. Tais práticas afetaram negativamente as vidas mais-que-humanas dos seres que habitavam previamente tais locais, criando múltiplas tensões que se reverberam no presente. Ela recorre aos distintos modos de ser-com e ver-com dos povos nativos para mostrar as múltiplas vidas não-humanas a eles implicados e quais poderiam ser as alternativas de governança. Para ela, as geografias mais-que-humanas são fundamentais para criar modos mais justos de viver no Antropoceno.

O exemplo da autora colabora para a identificação de como comunidades híbridas são e foram afetadas por intervenções colonialistas. A prática de furar poços artesianos no deserto transformou o modo de vida e o sentido de lugar para os povos e para os seres não-humanos com os quais estabeleciam relações recíprocas. A vegetação, os animais e as condições atmosféricas foram alteradas de modo a causar desencontros de elementos que eram referências para suas práticas socioculturais. Essa desestruturação imposta reconfigurou a geopolítica cultural mais-que-humana dos lugares aquáticos no interior da Austrália.

Outro interessante estudo nesta interação de elementos mais-que-humanos é o de Hovorka (2008), que situa as galinhas como atores importantes na configuração de lugares interespécies em Botswana. Em confluência às pesquisas de Lorimer (2010a, 2010b), a autora foca na vida e narrativa de reconhecimento da cidade por meio das relações mais-que-humanas dos mundos em que esses animais estão implicados nas cidades. Relações de pertencimento, identidade e empoderamento ligam seres humanos e as aves na composição urbana de Gaborone. Como discorre a geógrafa Hovorka (2008), esses seres não-humanos, por vezes ignorados, são fundamentais para compreender as redes de precariedade de mundos partilhados em contextos multi-espécies que compõem as periferias de países do sul global.

No mesmo sentido, Fletcher e Platt (2018) exploraram as dimensões sensórias, perceptivas e espaciais da caminhada com cachorros domésticos. Na associação de pesquisa etnográfica e etológica, eles mesclam narrativas dos animais não-humanos com as de seus companheiros, identificando correlações de perfis de personalidade que refletem na constante negociação corporal do espaço durante a caminhada. Os autores indicam que no ser-com da prática de andar, os cachorros criam sentidos e orientações pessoais de lugar no espaço urbano, demonstrando suas subjetividades negociadas com aquelas dos parceiros de caminhada. Há um jogo complexo do ceder e liberar espaço que é negociado corporalmente ao longo do caminho, o que revela intrínsecas particularidades de fazer-lugar nessa relação naturalcultural.

Uma das importantes contribuições dos estudos animais, como os expostos anteriormente, é a de trazer a apreciação de outras formas de subjetividade para as abordagens culturais em Geografia. Por exemplo, para James (2009), reconhecer a presença de modos de consciência não-humanas altera a noção de realidade do mundo. Isso decorre na constatação de que as coisas e entidades com as quais os humanos compartilham a Terra também possuem seus próprios horizontes de mundo. Os estudos indicados por Haraway (2008) demonstram como espécies companheiras confluem em espacialidades de partilha e reciprocidade específicas às condições autônomas, sencientes e independentes de suas existências.

Abram (2010) destaca que a senciência é construída nesses constantes momentos de encontro, contato, tensão e entrançamento dos diferentes corpos com a Terra. Cada entidade não encontra mais que uma parte, um canto, desse planeta, mas é esse contato primordial que amplia seus sentidos. É *“a mesma Terra inescrutável com a qual cada um entra em contato usando dedos ou asas emplumadas, antenas enroladas ou raízes que se espalham”* (ABRAM, 2010, p.126, traduzido). Eles formam lugares de arranjos polifônicos, cada qual em sua especificidade e variação corporal.

Reflexo de tais discussões, há uma reconfiguração da noção do que seriam espaços ‘selvagens ou naturais’ na Geografia cultural. Como escreve Whatmore (2002, p.32, traduzido) *“re-situar topologicamente o selvagem é reconhecer que a performance social heterogênea da vida selvagem configura tanto o ‘humano’ quanto ‘animal’ na condição de categorias e vidas em modos precários e íntimos”*. A selvageria (wildness) pode ser reinterpretada como um sentido associativo da animalidade inerente aos mundos mais-que-humanos. Ao desconstruir a noção colonial de selvageria como antítese de civilização, as teorias emergentes dessas geografias visam situar o conceito como uma forma de vitalidade não-planejável e multi-espécie.

Vanini e Vanini (2020b) ponderam que é necessário reimaginar a selvageria como um sentimento, como uma força relacional que enreda comunidades de vida. Ela não implica separações ou cisões, mas uma parceria com a terra, diferentes entendimentos culturais de cosmos mais-que-humanos em suas possibilidades pluriversais. A intimidade e afetividade das relações que ocorrem nesse horizonte indicam um componente de reciprocidade intercorporificada.

Para estes autores (VANINI; VANINI, 2020b, p.6, traduzido) *“Selvageria é uma força vital que excede a capacidade humana. É o sentimento que uma terra, que a Terra não é sempre feita para e por pessoas”*. É um sentido/sentimento de geograficidade que realça que existe algo no mundo que ainda é incontável, imprevisto e capaz de resistir às vontades humanas no Antropoceno. Reposicionar e descolonizar a noção de selvagem rumo à uma possibilidade de compreensão de espacialidades mais-que-humanas contribui na análise de relações multi-espécies.

Os autores (VANINI; VANINI; 2020a) consideram que as atmosferas selvagens são espaço-tempos específicos dotados de arranjos experienciados no horizonte do encontro de diferentes seres. Eles explicam que *“Selvageria, aqui, agora, é nascida de forças não-humanas: pirâmides de terra (hoodoos), dinossauros, blocos erráticos e tudo que está entre eles”* (VANINI; VANINI, 2020b, p.4-5, traduzido). Esses lugares e contextos convergem em não estarem preocupados com a vontade humana de os explicarem. Eles são independentes de uma consciência mecanicista e cartesiana que os tipificaria. Imergir em atmosferas selvagens é, portanto, se sintonizar a corpos humanos e não-humanos.

Nesse contexto, Geografias Atmosféricas lidam com modos emergentes de relacionar-se com espaços ‘aéreos’. Essas geografias culturais lidam com os dois sentidos latentes de atmosfera, tanto como elemento meteorológico quanto afetivo-emocional (MCCORMACK, 2008). Amplos campos de relações e processos mais-que-humanos se desdobram e são sentidos por meio das diferentes condições atmosféricas de cada lugar.

Como descreve Trigg (2020), atmosferas envolvem e aproximam diferentes corpos sujeitos. Elas podem ser um pano de fundo ou ocupar o centro de determinadas percepções e experiências espaciais. De acordo com o autor, *“essa estrutura dinâmica é parcialmente decorrente dos modos pelos quais uma atmosfera emana um estilo afetivo por meio de uma dada situação”* (TRIGG, 2020, p.3, traduzido). Especialmente naquilo que lida com emoções e afetos partilhados, as atmosferas dizem respeito a efeitos em área que influenciam situações experienciadas coletivamente.

Ainda que seja uma noção que permanece ambivalente (TRIGG, 2020; MCCORMACK, 2014), analisar e decifrar atmosferas pode colaborar para revelar mundos mais-que-humanos. A materialidade dos espaços e fenômenos atmosféricos pode ser evidenciada, argumenta McCormack (2008), na maneira em que elas influenciam corpos humanos e não-humanos. As atmosferas situam condições da realidade geográfica e – também retomando a Dardel (2011 [1952]) – são um componente elemental da geograficidade. Atmosferas, aborda Trigg (2020), têm características difusivas que reúnem elementos de horizontes de mundo interespecies, de entidades vivas ou não.

Fenômenos e situações atmosféricos são intersubjetivamente perceptíveis por conta de sua natureza material difusa (TRIGG, 2020; MCCORMACK, 2014). Elas se constituem para além de um determinado sujeito por conta de sua capacidade expansiva. Atmosferas demonstram, pondera McCormack (2015), como as circunstâncias são por vezes discretas e simultaneamente envolventes, por isso são dinâmicas que reúnem as corporeidades de diversos seres.

Do mesmo modo que Vanini e Vanini (2020a; 2020b) evocam atmosferas selvagens, Adams-Hutcheson (2017) intenta decifrar aquelas em fluxos troposféricos. Ao observar os ritmos sazonais e seus impactos em experiências agrícolas partilhadas na região de Waikato na Nova Zelândia, ele identifica como as dinâmicas da troposfera afetam a relação entrelaçada de humanos, animais, máquinas agrícolas, lamaçais, ventos intempestivos, chuvas e plantas. O cosmo mais-que-humano por ele explorado indica como as atmosferas, nos dois sentidos da palavra, criam sentidos aproximativos e envolventes no lugar.

Portanto, existem tantas atmosferas como modos de sentir e viver-com (ADAMS-HUTCHESON, 2017). Elas podem ser leves e agradáveis, chatas ou laboriosas, mas sua presença é uma constante dinâmica que envolve entes com corporeidades variadas. Este autor explica que *“a troposfera exerce uma força ou pressiona sob a vida, mas como ela é encontrada em diferentes estações e em condições flutuantes é instrutivo da ambiguidade de atmosferas afetivas”* (ADAMS-HUTCHESON, 2017, p.16, traduzido). Os mundos dinamizados por esse elemento são oportunos para vislumbrar horizontes afetivos das transformações e ritmos da Terra.

Simpson (2018) também conflui nessa perspectiva ao explorar como a dinâmica troposférica de ventos intempestivos em Plymoth, no Reino Unido, influenciam os sentidos de lugar e a consciência corpo-espacial de ciclistas. A experiência das condições atmosféricas dos ciclistas indica como tais elementos afetam a situação e dinâmica espacial dos sujeitos. As múltiplas dimensões da relação troposfera-corpo-bicicleta criam atmosferas

afetivas de dificuldades causadas pelos ventos, situações urbanas e preparo físico. Elas indicam interrelações pelas quais objetos, ambientes e situações se manifestam na realidade geográfica.

Objetos, como no caso do estudo de Marković (2019) acerca do cigarro, podem também ser geradores de atmosferas mais-que-humanas com relevantes consequências espaciais. O autor aborda a maneira pela qual as temporalidades mais-que-humanas da performance de fumar constituem corpos-espacos particulares. Os padrões espaço-temporais de dois elementos não-humanos, o cigarro e a nicotina, deslocam o centro da pesquisa da usual estigmatização do corpo fumante. Essa forma atmosférico-espacial de interpretar o fumar expande noções em torno dos elementos geográficos que influenciam e são transformados pelo tabagismo.

Para Ash e Simpson (2018, p.15, traduzido) *“essa atenção ao estilo de objetos e interações envolve aprender a identificar a expressividade de seres humanos e não-humanos para podermos entender sua contribuição para o funcionamento de uma determinada situação”*. Práticas de pesquisa objeto-centradas, atmosféricas e animais, conforme as explicitadas previamente, envolvem redes complexas de interações espaciais. Elas revelam como a realidade geográfica é uma amálgama de componentes mais-que-humanos que desdobram em formas espaciais circunstanciais.

Como explicitado, e conforme salienta Lorimer (2010), as geografias culturais mais-que-humanas desestabilizam práticas tradicionais de pesquisa das humanidades. Diferentes modos de criar, escrever, relatar e pesquisar para pensar-com e ser-com a multiplicidade de entidades implícitas ao campo dos estudos mais-que-humanos requerem práticas criativas. Desse modo, um horizonte crescente de procedimentos experimentais tem se apresentado como alternativas.

Hawkins (2014, p.182, traduzido) pondera que *“a geografia está engajada em um vasto projeto que mapeia e remapeia corpos, corpos que não são somente humanos”*. Práticas, parcerias e metodologias criativas podem colaborar com a atividade de decifrar as interrelações entre corpos e cosmos mais-que-humanos. Convergem Blanc e Ramos (2010, p.17, traduzido) ao afirmar que *“para além da ideia de restauração ecológica, certamente central, é posta a questão das linguagens da arte como possível leitura/invenção de mundos em partilha”*. Abordagens acerca de corporeidades que diferem das humanas em percepção, dimensão e modos de ser exigem um outro modo de proceder, interpretar e compreender que seja compatível aos sentidos de ser-com.

Como propõe Whatmore (2002), mapeamentos híbridos estão imbricados em topologias que colocam ênfase nos múltiplos espaços-tempos dos ritmos de associações e arranjos heterogêneos. Os espaços aos quais

interessam-se as Geografias mais-que-humanas são, portanto, fluidos, dinâmicos e não-representacionais. Coordenadas cartesianas e escalas geométricas dificilmente abarcam a multiplicidade sensível dessas espacialidades existenciais.

Por meio de uma performance e experimento artístico, Hiebert e Jung (2019) utilizaram visualizações cerebrais de pessoas pensando acerca de como é ser um morcego. As imagens das áreas dos cérebros ativadas pelo esforço imaginativo formaram 'retratos da imaginação'. Os pesquisadores (HIEBERT; JUNG, 2019), dessa maneira, ressignificam uma técnica quantitativa das pesquisas biológicas para problematizar uma questão multi-espécie. Esses demonstram os limites da própria visualidade e também a importância de esforços imaginativos na prática de pesquisa qualitativa.

A reinterpretação psicológica, artística e geográfica efetivada pelos autores é uma provocação para discutir os diferentes modos de cognição de seres humanos e não-humanos. Isso demonstra como o esforço de alteridade entre entidades com corporeidades diferentes fomenta a busca por alternativas procedimentais. O ato de pensar como um morcego levou os participantes a problematizarem a relação corpo-espacial desses seres. Aqueles que se imaginaram morcegos relataram como a experiência possibilitou observar a situacionalidade inerente aos diferentes entes e a forma como as capacidades corporais distintas podem influenciar na relação de fazer-lugar.

Como ressalta Honeybun-Arnolda (2018, p.3, traduzido) *"análises não-representacionais clamam por trabalhos criativos e diversos que almejem lidar mais apropriadamente com os mundos afetivos mais-que-humanos, mais-que-textuais e multissensoriais"*. Abordar o dinamismo e os modos de ser-com de diferentes entes, assim como suas possibilidades de pensar-com, perpassa essas expressões experimentais de tais relações. Os rompimentos com barreiras normativas da ciência ocidental cartesiana realizados por meio da aproximação da prática literária e artística demonstram a potência de tais transformações.

Nesse sentido, Gibbs et al. (2019) procederam metodologicamente por um processo de imersão em pesquisa de campo correlacionado com a escrita e prática musical. Essa atividade colaborou para explicar as múltiplas dimensões da mudança climática por um viés sensível que também aborda as contradições inerentes ao governo da Austrália na pouca ação perante a expansão do processo de branqueamento de corais. A prática multidisciplinar efetivada demonstra uma possibilidade procedimental para pesquisas criativas em geografia. Como argumentam, ela ensinou os pesquisadores a usarem suas vozes em sentidos simbólicos e físicos, além de colaborar na interação do próprio grupo. A canção resultado do esforço científico-artístico composta e

cantada pelo grupo foi publicado na plataforma bandcamp. Desse modo, a interação de musicalidade os ajudou a expressar seus pensamentos e afetos para um público mais amplo.

Vanini e Vanini (2020a) escreveram fábulas eto-etnográficas acerca das condições, histórias e experiências de vida de bisões e ursos em reservas da biosfera da UNESCO no Canadá. Ao dar uma voz literária e humana a esses animais, eles sensibilizam e imergem o leitor a compreender processos migratórios e os impactos relacionais nos mundos desses seres. Eles ressaltam que o ato possibilitou transcender aspectos do excepcionalismo humano ocidental ao ser um caminho para vislumbrar uma outra forma de sciência. Os animais, indicam os autores (VANINI; VANINI, 2020a), também falam, porém nem todos os seres humanos podem ou estão dispostos a escutar.

Ao se permitir escutar e fazer falar imaginativamente os animais com os quais compartilharam o processo de pesquisa, Vanini e Vanini (2020a) puderam oferecer uma perspectiva particular da narrativa desse mundo mais-que-humano. Por imergir, correlacionar e pensar-com esses seres, eles realizaram uma expressão sensível e recíproca da polifonia da realidade geográfica que pesquisaram. É necessário criar aberturas criativas e suspender pressupostos para que seja possível escutar e responder às vozes mais-que-humanas na Terra. Essa aproximação cria geografias do cuidado, afeto e de parcerias que possibilitam pensar-com outros entes.

Entender as diferentes formas de reações e interpretações que emergem dos encontros entre humanos e outros entes decorre de estar pronto para ouvir, sentir e falar. A potência dessas forças investigativas pode ser identificada na maneira em que essas experimentações imaginativas ajudam a despragmatizar o trabalho dos geógrafos. Ela também implica em buscar por uma outra vocação na escrita geográfica. Realizar geografias mais-que-humanas é um processo associativo de entrega, partilha e de buscar alternativas para viver-com. Oportunizar a emergência e reciprocidade com essas narrativas, cruzamentos e entrançamentos é uma das metas posta pela prática das geografias culturais mais-que-humanas. É por meio do contato imaginativo, poético, sensorial e relacionável que pode ser possível encontrar as espacialidades polifônicas da Terra.

IV. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As polifonias de arranjos multi-espécies, de mundos mais-que-humanos envolvidos em redes de precariedade, tensão e/ou reciprocidade indicam um amplo e novo campo de pesquisas para serem desenvolvidas. Abarcar as dinâmicas sensoriais e existenciais envolvidos na trama de coabitar a Terra implica em estar disposto a desenvolver modos de escuta, observação e de ser-com.

Geografias culturais mais-que-humanas são latentes nas possibilidades de explorar os pluriversos e cosmos interativos dos lugares. As expressões sensíveis vividas pelos diferentes seres inerentes a cada espaço existencial revelam modos de partilha, de viver-com e de enfrentamento da crise ambiental do Antropoceno. A mundanização possibilita que pesquisas experimentais, criativas ou artísticas arquitetem modos de explorar mundos que antes não pareciam ao alcance da Geografia.

Ainda que existam dificuldades metodológicas e procedimentais inerentes ao processo de interação em mundos multi-espécie, os esforços empenhados pelos geógrafos podem colaborar na compreensão das espacialidades existenciais neles imbricadas. É fundamental, portanto, o desenvolvimento de formas menos pragmáticas de pesquisa, assim como em formas de expressar e relatar os resultados.

Práticas de geográficas dispostas a lidarem e fazerem parcerias interdisciplinares no campo das humanidades ambientais e artísticas podem ofertar janelas à mundos mais-que-humanos. Por meio delas, é possível vislumbrar, elaborar ou criar alternativas para viver-com as múltiplas espécies e entidades com as quais os humanos partilham a Terra. Ser-com implica justamente nessa conexão intercorporal com aqueles à que somos companheiros na realidade geográfica.

A Geografia cultural, como abordagem que visa expandir os limites do olhar geográfico, pode contribuir com os debates hodiernos acerca das condições e contradições do Antropoceno. Imergir em atmosferas afetivas e selvagens, em corporeidades animais ou em cosmos não-humanos cria instigantes possibilidades de pesquisas. Como demonstrado pelos estudos citados ao longo desse texto, o horizonte das geografias culturais mais-que-humanas anima esse campo disciplinar na alvorada do século XXI.

V. REFERÊNCIAS

ABRAM, D. *Becoming Animal: an earthly cosmology*. New York: Vintage Books, 2010.

ABRAM, D. *Earth in Eclipse*. In: CATALDI, S. L.; HAMRICK, W. S. (Org.) *Merleau-Ponty and Environmental Philosophy: Dwelling on the landscapes of thought*. New York: State University of New York Press, 2007, p.149-176.

ABRAM, D. *The spell of the sensuous: perception and language in a more-than-human world*. New York: Vintage Books, 1996.

ADAMS-HUTCHESON, G. *Farming in the troposphere: drawing together affective atmospheres and elemental geographies*. *Social & Cultural Geography*, v.20, n.7, p.1-20, 2017.

ANDERSON, B.; WYLIE, J. *On geography and materiality*. *Environment and Planning A*, v.41, p.318-335, 2009.

- ASH, J.; SIMPSON, P. Postphenomenology and method: styles for thinking the (non)human. *GeoHumanities*, v.5, n.1, p.139-156, 2018.
- BAUMEISTER, R. F. Writing narrative literature reviews. *Review of General Psychology*, v.1, n.3, p.311-320, 1997.
- BELLACASA, M. P. *Matters of care: Speculative ethics in more than human worlds*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2017.
- BERQUE, A. De linguistique en mésologie : la question du sens. In : BERQUE, A. ; MAUPERTUIS, M. ; BERNARD-LEONI, V. (Orgs.) *Le Lien au Lieu : Actes de la chaire de mésologie de l'Université de Corse*. Éditions éoliennes : Paris, 2014, p.213-250.
- BLANC, N. ; RAMOS, J. *Écoplasties : art et environnement*. Manuella Éditions: Paris, 2010.
- CHARTIER, D. ; RODARY, E. Géographie, écologie, politique : un climat de changement. In : CHARTIER, D. ; RODARY, E. (Orgs.) *Manifeste pour une géographie environnementale*. Paris : Presses de Sciences Po, 2016, pp.13-56.
- CHOLLET, M. *Chez soi : une odyssée de l'espace domestique*. Éditions La Découverte: Paris, 2016.
- DARDEL, E. *O Homem e a Terra*. São Paulo: Perspectiva, 2011.
- DANOWSKI, D.; CASTRO, E. V. *Há mundo por vir? Ensaio sobre os medos e os fins*. Desterro: Florianópolis, 2017.
- FERRARI, R. Writing narrative style literature reviews. *Medical writing*, v.24, n.4, 2015.
- FLETCHER, T.; PLATT, L. (Just) a walk with the dog? Animal geographies and negotiating walking spaces. *Social & Cultural Geography*, v.19, n.2, p.211-229, 2018.
- GALVAN, J. L. *Writing literature reviews: A guide for the social and behavioral sciences*. London: Routledge, 2014.
- GIBBS, L. M. Water places : Cultural, Social and More-than-human Geographies of Nature. *Scottish Geographical Journal*, v.125, n.3-4, p.361-369, 2009.
- GIBBS, L. M.; WILLIAMS, K.; HAMYLTON, S.; IHLEIN, L. 'Rock the Boat': song-writing as geographical practice. *Cultural Geographies*, v.27, n.2, p.1-5, 2019.
- GREENHOUGH, B. More-than-human Geographies. In: LEE, R. et al. (Orgs.) *The Sage Handbook of Human Geography*, Sage: London, 2014, p.94-119.
- HARAWAY, D. *Symbiogenesis, sympoiesis, and art science activisms for staying with the trouble*. In: TSING, A. Et Al (Orgs.) *Arts of Living on a damaged planet: Monsters*. University of Minnesota Press: Minneapolis, 2017, p.25-50.
- HARAWAY, D. J. *Staying with the trouble: Making kin in the Chthulucene*. Durham: Duke University Press, 2016.
- HARAWAY, D. J. *When species meet*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2008.
- HAWKINS, H. *For creative Geographies: Geography, Visual Arts and the Making of Worlds*. Routledge: London, 2014.

- HAWKINS, H. Geography's creative (re)turn: Toward a critical framework. *Progress in Human Geography*, v.20, n.10, 2018, p.1-22.
- HAWKINS, H.; STRAUGHAN, E. *Geographical Aesthetics: Imagining space, staging encounters*. Ashgate: Surrey, 2015.
- HIEBERT, T.; JUNG, J. Psychogeographic visualizations: or, what is it like to be a bat? *Cultural Geographies*, v.27, n.3, p.1-8, 2019.
- HOLZER, W. *A Geografia Humanista: sua trajetória 1950-1990*. Londrina: EdUEL, 2016.
- HONEYBUN-ARNOLDA, E. The promise and practice of spontaneous prose. *Cultural Geographies*, v.26, n.3, p.1-8, 2018.
- HOVORKA, A. Transspecies urban theory: chickens in an African city. *Cultural Geographies*, v.15, n.1, p.95-117, 2008.
- JAMES, S. P. *The presence of nature: A study in phenomenology and environmental philosophy*. London: Palgrave Macmillan, 2009.
- LORIMER, H. Forces of Nature, Forms of Life: Calibrating Ethology and Phenomenology. In: ANDERSON, B.; HARRISON, P. (Orgs.) *Taking-Place: Non-representational Theories and Geography*. Ashgate: Surrey, 2010a, p.55-78.
- LORIMER, J. Moving image methodologies for more-than-human geographies. *Cultural Geographies*, v.17, n.2, p.237-258, 2010b.
- LORIMER, J. Herding memories of humans and animals. *Environment and Planning D*, v.24, n.2, p.497-518, 2006.
- MARKOVIĆ, I. Out of place, out of time: towards a more-than-human rhythmanalysis of smoking. *Cultural Geographies*, v.26, n.4, p.1-7, 2019.
- MCCORMACK, D. P. In: VANINI, P. (Org.). *Non-representational methodologies: re-envisioning research*. New York: Routledge, 2015, p.89-111.
- MCCORMACK, D. P. Atmospheric things and circumstantial excursions. *Cultural Geographies*, v.21, n.4, p.605-625, 2014.
- MCCORMACK, D. P. Engineering affective atmospheres on the moving geographies of the 1897 André expedition. *Cultural Geographies*, v.15, n.4, p.413-430, 2008.
- PANELLI, R. More-than-human social geographies: posthuman and other possibilities. *Progress in human geography*, v.34, n.1, p.79-87, 2010.
- POTTS, A. Les études universitaires homme-animal. In : MATIGNON, K. L. (Org.) *Révolutions Animales : Hommes et animaux un monde en partage*. Éditions Les liens qui libèrent : Paris, 2019, p.473-478.
- SIMMS, E. Going Deep in Place. *Environmental & Architectural Phenomenology*, v.25, n.3, p.13-14, 2014.
- SIMPSON, P. Elemental mobilities: atmospheres, matter and cycling amid the weather-world. *Social & Cultural Geography*, v.20, n.8, p.1-20, 2018.
- THRIFT, N. *Non-representational theory: Space, Politics, Affect*. London: Routledge, 2008.
- TRIGG, D. The role of atmosphere in shared emotion. *Emotion, Space and Society*, v. 35, p.1-7, 2020.

TSING, A. L. The Mushroom at the End of The World: On the possibility of life in capitalist ruins. Princeton University Press: Princeton, 2015.

VANINI, P.; VANINI, A. What could wild life be? Etho-ethnographic fables on Human-Animal kinship. GeoHumanities, v.6, n.1, p.1-17, 2020a.

VANINI, P.; VANINI, A. Attuning to wild atmospheres: Reflections on wildness as feeling. Emotion, Space and Society, v.36, p.1-8, 2020b.

WHATMORE, S. Hybrid Geographies: Natures Cultures Spaces. London: SAGE Publications, 2002.

WHATMORE, S. Materialist returns: practising cultural geography in and for a more-than-human world. Cultural Geographies, v.13, n.4, p.600-609, 2006.
